



**INTERVENÇÃO PROFERIDA PELO PRESIDENTE DA
AIP, COMENDADOR JORGE ROCHA DE MATOS,
POR OCASIÃO DO 5º CONGRESSO INTERNACIONAL
DE CAPITAL DE RISCO,
NO DIA 3 DE MAIO DE 2005**

Em primeiro lugar quero agradecer o convite que gentilmente me foi formulado pela Organização para partilhar convosco algumas reflexões sobre este importante e oportuno tema do “capital de risco”. Sem dúvida, que o capital de risco é importante para a economia portuguesa, mas também o é no contexto da UE.

Aliás, na avaliação que se vem fazendo à “estratégia de Lisboa”, no exercício de benchmarking consubstanciado nas cimeiras de primavera, um dos pontos fracos que ressalta quando a UE se compara com os Estados Unidos é justamente o fraco dinamismo do capital de risco, particularmente no que concerne ao capital semente.

Capital de risco e empreendedorismo são efectivamente as duas faces da mesma moeda. Um sem outro não



funcionam. Mas, o desenvolvimento do capital de risco é, também, um investimento na inovação e na competitividade da economia, para crescer mais e melhor.

Neste particular, permitam-me que refira o facto da AIP no quadro da “Carta Magna da Competitividade” ter relevado o capital de risco como um factor determinante para a modernização da economia com realce para a inovação.

No primeiro exercício de avaliação que efectuamos em Novembro de 2004, traçavam-se objectivos em relação ao capital de risco [semente e start up] e [expansão e substituição] onde se referia o propósito de «desenvolver acções de sensibilização e de incentivo do lado da oferta e da procura de capital de risco, face ao seu importante papel no lançamento de projectos inovadores e que, dada a sua natureza, normalmente sentem dificuldades na obtenção de fundos nas fontes de financiamento clássicas»; mais adiante, referia-se ainda que ao capital de risco «deverá caber um papel mais significativo no redimensionamento e reestruturação, bem como no financiamento das fases de crescimento de muitas empresas».

Creio que é indispensável fomentar em Portugal uma cultura favorável ao capital de risco, enquanto componente do empreendedorismo, como aliás, de alguma forma está neste momento a acontecer nas economias europeias mais dinâmicas. Veja-se a título de exemplo que, em 2004, o investimento das empresas portuguesas, através do recurso às SCR (Sociedades de Capital de Risco) terá ascendido a cerca de 100 milhões de Euro, enquanto em Espanha esse valor terá sido cerca de 15 vezes superior.

Mas, não podemos deixar de sublinhar que o capital de risco tem apresentado uma dinâmica interessante nos últimos anos, sobretudo no que respeita ao capital semente e *start up* e, em menor escala, no capital de risco de expansão e substituição.

Há efectivamente uma grande margem e oportunidade para crescimento do capital de risco (*private equity*) em Portugal, para acompanhar a dinâmica europeia, onde as operações lideradas pelas SCR são cada vez mais relevantes, atingindo transacções cada vez de maior dimensão, nomeadamente no contexto das reestruturações empresariais e nas fusões e aquisições.



Por isso, é indiscutível o papel que o investimento em capital de risco tem num moderno sistema financeiro, permitindo uma intervenção estrategicamente orientada.

Relevam-se, entre outras as seguintes:

- Permitir à empresa, a possibilidade de recorrer a um operador especializado no apoio financeiro à criação de valor, através de capital de risco, que pode ser utilizado para alavancar a fase de *"start up"* , bem como os desenvolvimentos subsequentes, de forma a sustentar novas estratégias, fusões e aquisições, passagens geracionais ou outros processos críticos do seu ciclo de vida;
- Possibilitar também a realização de operações do tipo *"management buy out e buy in,"* com o apoio de colaboradores especializados;
- Disponibilização de *Know How* de gestão para facilitar o cumprimento dos objectivos económico-finaceiros da empresa;
- Ainda a possibilidade de apoiar o crescimento externo, através de contactos, investimentos e desenvolvimento de estratégias inter-empresas;

Pelo que referi, creio que a conclusão é óbvia. Vale a pena apostar no capital de risco porque ele contribui de



forma muito significativa para o desenvolvimento empresarial e, conseqüentemente da economia, estimulando o empreendedorismo, a inovação e a competitividade.

Jorge Rocha de Matos

2005-05-03